

ESTADO DE GOIÁS  
POLÍCIA MILITAR  
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR  
DIVISÃO DE ENSINO

O Emprego do Policial Militar na Educação  
Para o Trânsito nas Escolas

*Oficial-Aluno: Fernando A. Marques*

MONOGRAFIA CTE-91

Goiânia, Go, 1991

FERNANDO ANDRÉ MARQUES

O EMPREGO DO POLÍCIAL MILITAR NA  
EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NAS ESCOLAS

Trabalho apresentado como exigên-  
cia parcial para obtenção do tí-  
tulo de Técnica em Ensino, pela A  
cademia de Polícia Militar do Es  
tado de Goiás, sob a orientação'  
do professor Osório José da Sil-  
va.

ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS  
Goiânia, 1991.

---

## AGRADECIMENTOS

Principalmente aos meus queridos pais, que são a razão do meu caráter, e a Luciana, minha "cara-metade", que sempre esteve ao meu lado, me auxiliando e incentivando.

---

#### AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Meus agradecimentos, para Maria Terezinha de Souza Pádua, minha professora de Metodologia e Maria Tereza Ramos Mahler, Coordeadora de Educação de Trânsito no DETRAN, pelo auxílio e dedicação.

" Só há um problema nacional:  
a educação do povo" .

Miguel Couto

## PREFÁCIO

Uma das mais belas páginas de Maria Montessori fala de uma cena que teria escapado à observação de quase todo mundo: ao ver um adulto que caminhava levando uma criança pela mão, Montessori observou a tensão e a desarmonia dos movimentos da criança, obrigada a ajustar-se ao ritmo do adulto, aos passos de gente grande, sendo arrastada aos saltos. E comenta: onde está o direito desta criança de ser ela mesma? De andar de acordo com o tamanho de suas pernas? Onde aquela graciosa liberdade de movimentos, que denuncia a satisfação em usar o próprio corpo, e prepara para ser um adulto harmonioso?

A imagem de Montessori me vem à mente quando penso no trânsito de uma cidade grande, e no que representa para crianças e adultos: a tensão de defender-se, a preocupação escravizante, o receio da investida de veículos, a insegurança que rouba a alegria de ser e a tranquilidade.

Como todos os problemas das grandes comunidades humanas, a circulação de veículos e pessoas só pode dar-se com eficiência e serenidade se houver respeito - respeito pelos outros, por seu direito de ser, de ir e vir, de conviver. Na pressa de realizar, de chegar, de auto afirmar-se a todo custo, as pessoas se esquecem de sua responsabilidade pelo bem estar coletivo. Poucas são as pessoas cuja forma de agir nos diz: respeita-me, porque eu te respeito.

---

A escola tem muito a ver com os problemas que hoje vivemos, no trânsito e em outras formas de organização social. Mas seu papel se exerce em conjunto com inúmeras outras instituições sociais e econômicas, cuja influência às vezes se exerce em sentido contrário ao socialmente desejável. É preciso atuar de forma sistêmica. Apelar para inúmeros recursos, que vão do urbanismo à psicologia da aprendizagem, passando pela sociologia e pela comunicação social. A pedagogia tem uma contribuição a dar: a sistematização da aprendizagem conscientemente orientada por meio do ensino, envolvendo a criança e o adolescente, suas famílias e comunidades.

O presente trabalho procura enriquecer o professor com um arsenal de reflexões e atividades, para que ele possa usar as situações naturais de vivência do jovem escolar a fim de conduzi-lo ao sentido de responsabilidade e à familiaridade com as regras de bem circular. Quais são essas oportunidades? Praticamente todas, ver, ouvir, falar, comentar, relatar, descrever, comparar, calcular, estabelecer relações, tirar conclusões, entender, aplicar. São aplicações mentais e físicas do dia a dia, inseridas em inúmeras oportunidades, de acordo com o desenvolvimento previsto para os vários tópicos programáticos nas áreas de comunicação e expressão, artes, educação física, matemática, estudos sociais, ciências,

Não se trata, portanto, de um conteúdo "a mais" - é antes um tônica, uma acentuação sistemática de aspectos de extrema importância para a criança que precisa emancipar-se e adquirir autonomia num mundo em que a segurança pessoal tem que ser conscientemente conquistada.

Insiste ele, igualmente, no envolvimento das famílias. É que, passa a maior parte da sua vida ativa sob a responsabilidade do lar - em casa, na vizinhança, nas calçadas, ou indo a cinemas, supermercados, clubes, igrejas. Muitos de nós, adultos, não temos uma idéia válida do que significa ser criança hoje em dia, e dos fatos e informações que uma criança de hoje registra e interpreta. Por isto temos dificuldades em orientar a formação de seus valores, atitudes, hábitos e conhecimentos.

Chamar os adultos - pais e familiares para participarem de um trabalho educativo, além de uma necessidade inques

tionável do ponto de vista pedagógico, é um meio de enriquecê-lo de sugestões e recursos para que participem da vida de seus filhos com maior lucidez e intensidade.

Nossos votos de que o trabalho frutifique em extensão e profundidade, à medida que cada um de nós se sinta e atue como responsável pela segurança de todos no cotidiano circu'lar, vital para o convívio humano e para a felicidade coletiva. Se tivermos desenvolvido, em nós e em nossos filhos, esse respeito fundamental à vida, que resultará na tranqüilidade reconquistada: a tranqüilidade na ordem.

---

Estado de Goiás  
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR  
BIBLIOTECA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I - IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO.....	12
II - ASPECTOS LEGAIS.....	16
III - VISÃO PEDAGÓGICA.....	17
1. Períodos de Desenvolvimento.....	19
1.1 Período Pré-Operacional.....	19
1.2 Período das Operações Concretas.....	21
IV - NORMAS DIDÁTICAS GERAIS.....	23
1. Considerações iniciais.....	23
2. Normas didáticas gerais.....	25
2.1 Boas relações entre professor e educando.....	25
a) Função Técnica do professor.....	26
b) Função Orientadora do professor.....	27
c) Função Didática do professor.....	28
d) Função não diretiva do professor.....	30
2.2 Entrosamento entre professores e disciplinas.....	31
a) Entrosamento dos professores.....	31
b) Entrosamento das disciplinas.....	32
2.3 Participação.....	33
2.4 Atividades livres e criadoras.....	33
2.5 Trabalho em grupo.....	34
2.6 Individualização.....	34
2.7 Progressividade e adequação.....	35

2.8 Entusiasmo e otimismo.....	35
V - METODOLOGIA DO ENSINO.....	37
1. Considerações Iniciais.....	37
2. Métodos e Técnicas de ensino.....	39
2.1 Método Didático.....	40
2.2 Técnicas Didáticas.....	40
3. Fases de um Método de Ensino.....	41
4. Recomendações Metodológicas.....	42
VI - PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO.....	44
1. 1ª Série.....	44
2. 2ª Série.....	46
3. 3ª Série.....	47
4. 4ª Série.....	48
CONCLUSÃO.....	50
BIBLIOGRAFIA.....	52

## INTRODUÇÃO

Este trabalho representa, acima de tudo, o resultado de uma pesquisa dirigida, principalmente nos campos vastos da pedagogia e da metodologia de ensino.

A sua finalidade é prover o professor, ou quem quer que esteja empenhado, na tarefa de transmitir conhecimentos sobre educação para o Trânsito, de subsídios, conhecimentos básicos e teóricos sobre a visão pedagógica e as metodologias de ensino mais adequadas a esta prática, na 1ª fase do 1º grau.

A visão pedagógica, ou teoria pedagógica, aqui esplanada, refere-se aos períodos de desenvolvimento cognitivo descritos pelo grande pedagogo Jean Piaget.

À partir do entendimento de que a criança está num constante processo de desenvolvimento (tanto físico quanto intelectual ou cognitivo), e que em cada um desses períodos ou estágios de desenvolvimento, ela apresenta características peculiares, quanto a sua capacidade de entendimento, é que percebemos a importância de se compreender esta dinâmica e adequarmos as metodologias e os conteúdos, a serem ministrados, de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo dessa criança.

Quanto às metodologias de ensino, procuramos levar ao professor uma visão geral, bem como alguns conceitos e conhecimentos básicos, mínimos indispensáveis na tarefa do docente.

---

A idéia inicial deste trabalho é a capacitação do Policial Militar, ou emprego dos já capacitados (como é o caso dos que possuem o curso de Técnica de Ensino), para serem empregados como instrutores de Educação para o Trânsito nas escolas da rede pública de ensino.

O Policial Militar também poderá ministrar treinamentos aos professores, que se encarregarão da atividade junto aos alunos.

Estes treinamentos poderão surgir à partir de convênios com a rede de ensino.

Finalmente nosso objetivo geral, é formar a consciência da responsabilidade do ato individual na segurança global do Trânsito, principal meio para modificar o quadro de acidentes que hoje presenciamos.

---

## I - IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO

No começo do mundo, o homem serviu-se dos próprios pés para movimentar de um lugar para o outro. Para isso, abria e percorria os caminhos. Depois, na água, aproveitando a correnteza dos rios. Mais tarde, locomoveu-se por meio de balsas, barcos e navios; de animais, carroças e carruagens, balões no ar. Por fim serviu-se do veículo, a máquina que revolucionou os sistemas de transporte do homem e da carga.

Com o crescimento da população e o progresso da técnica, as cidades foram se formando e os caminhos se transformaram nas ruas, avenidas e estradas (VIAS); os meios de transportes foram aumentando em quantidade e se diversificando quanto à forma (VEÍCULOS), e o homem, além de andar a pé (PEDESTRE), passou a dirigir os veículos pelas vias.

O aparecimento de muitos veículos causou problemas de circulação e produziu acidentes, provocados por esses três elementos principais - O HOMEM, como pedestre e condutor, o VEÍCULO e as VIAS. O homem, porque, cada um representa um mundo de qualidades e defeitos, seja no modo de ser (estado mental, Físico, e psicológico), de adquirir (educação) e de se comportar (sociali-dade e moralidade). O veículo, porque é máquina e precisa ser bem construída e mantida, já que é sujeita a defeitos materiais provocados pelo desgaste natural, manejo deficiente, estado das vias e causas externas, como condições do tempo e acidentes. As vias ,

porque precisam ser construídas obedecendo a planos de circulação e a regras de trânsito, bem sinalizadas, duráveis e bem conservadas para não provocarem acidentes nos veículos conduzidos pelo homem.

Por isso, é que esses três elementos: homem, veículo e vias, em conjunto, formam o complexo do trânsito. Quanto melhores eles forem, menos acidentes haverá. Se eles fossem perfeitos não haveria necessidade de leis e de fiscalização. O trânsito seria bem distribuído e veloz (técnico) e sem acidentes.

Todavia, isso não é possível e os acidentes existem no Brasil e no Mundo, atingindo de modo lastimável os pedestres, os bens materiais, os motoristas, os passageiros e as cargas transportadas.

Por isso, as autoridades resolveram fazer leis e regulamentos para colocar ordem no trânsito, criando regras, estabelecendo os direitos e deveres, as infrações e penalidades, vigiando os motoristas e punindo infratores. Tudo, enfim, para produzir um TRÂNSITO TÉCNICO E SEGURO.

Porém, todas essas normas não têm muito sentido se os elementos envolvidos neste processo, não tiverem a conscientização e "educação" suficientes, para entendê-las e, conseqüentemente, cumprí-las.

Podemos conceituar Educação como uma função social das mais importantes, sendo uma das mais essenciais, não só nos dias de hoje, como desde o início da história. Não houve sociedade, por mais simples e modesta que fosse a sua cultura, que tivesse existido sem passar por esse processo. É claro que a organização, a estrutura e os próprios agentes dessa função, tem variado, porém ela sempre existiu. No seu sentido estrito, a educação consiste na ação da geração adulta sobre a geração jovem, tendo como finalidade, capacitá-la para conviver.

Como nos ensina Geraldo Lemos Pinheiro, Juiz do Tribunal de Alçada de São Paulo, em sua Obra Anotações à Legislação Nacional de Trânsito, "Educar para prevenir" é um conceito básico para o problema de acidente: E essa educação envolverá, obrigatoriamente, tanto o pedestre como o motorista, mas em especial

deve ser cuidada a educação da infância e da juventude.

Nada terá sentido, no entanto, se não houver um sistema racional de trabalho, objetivando plantar a semente, para colher os frutos no futuro, bem como procurar trazer para conver e conhecer o problema Educação, novos elementos para dinamização de campanhas.

Entendemos que o ensino sobre regras e preceitos de trânsito e segurança deve ser obrigatório nas escolas de todos os graus, atingindo até às universidades.

Mas a educação de trânsito não deve se limitar somente aos ensinamentos, regras, técnicas e prudências, mas deve atingir também, a vida em sociedade, através de normas de comportamento e boas maneiras de motoristas e pedestres.

O ensino de educação de trânsito nas escolas não deve corresponder simplesmente a objetivos de longo prazo. mas deve visar, também, a propósito de curto prazo. Isto porque dele dependem a segurança e a proteção da vida e da integridade física dos alunos na dinâmica viária.

Hoje é ponto pacífico a visão de Dewey e Anísic Teixeira que a "Educação é vida". A primeira responsabilidade da aceitação do posicionamento pragmático é que a Escola deve participar dos anseios, desejos e angústias da sua sociedade. Assim sendo, considerando-se a contínua e constante transformação sccial, o conceito de currículo não poderia se ater à uma árida listagem de matérias

No sentido amplo, currículo é a soma de experiências, que se oferece ao aluno sob os auspícios da escola.

A partir deste conceito, verificamos que a transmissão do conhecimento, além da seleção do seu próprio conteúdo nesta ótica educacional, já percebe e compreende a presença do aluno como ser participante do seu próprio crescimento, e por isto mesmo, ser ativo e atuante na sociedade que se insere.

Ora, se esta sociedade atual brasileira, está estimulada, através de seus meios de transportes, a produzir um

## II - ASPECTOS LEGAIS

A educação para o trânsito está prevista no art. 125 da Lei 5.108, de 21 de setembro de 1966, que institui o Código Nacional de Trânsito, regulamentado pelo Decreto 62.127, de 16 de janeiro de 1968, Art. 229 com a redação: "O Ministério da Educação e Cultura promoverá a divulgação de noções de trânsito nas escolas primárias e médias do País, segundo programa estabelecido de acordo com o Departamento Nacional de Trânsito".

Estes dispositivos encontram amparo legal na Lei 5.692/71, Art.1º, que estabelece: "O ensino de 1º e 2º graus têm por objetivo geral proporcionar, ao educando, a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania" ; e ainda na Resolução 025, de 06/04/78, do Conselho Estadual de Educação, que recomendou que fosse inserido nas disciplinas de Estudos Sociais e Moral e Cívica, para o ensino de 1º e 2º graus, no Estado de Goiás, a Educação para o Trânsito.

### III - VISÃO PEDAGÓGICA

Quando se fala em Pedagogia Educacional para a 1ª fase do 1º grau (entre 5 a 11 anos, aproximadamente), deve-se levar em consideração que nesta fase a criança está em constante processo de transformações de acordo com seus níveis de desenvolvimento cognitivo.

Para explicar melhor a visão pedagógica apropriada a este período, devemos lançar mão do grande pedagogo Jean Piaget. Para ele o desenvolvimento cognitivo é um processo contínuo que começa com o nascimento e é dividido em quatro períodos amplos.

São eles em ordem de ocorrência:

- 1 - Período Sensório Motor, de 0 a 2 anos.
- 2 - Período Pré-Operacional, de 2 a 7 anos.
- 3 - Período das Operações Concretas, de 7 a 11 anos e ,
- 4 - Período das Operações Formais, de 11 a 15 anos.

Esses períodos não são independentes e não relacionados. O desenvolvimento tanto é contínuo quanto descontínuo. Contínuo significa que cada desenvolvimento subsequente baseia-se no desenvolvimento anterior incorporando-o, e transformando-o. Descontínuo neste caso significa que as mudanças qualitativas ocorrem de um estágio para outro. Conseqüentemente, os períodos

---

dos de desenvolvimento estão funcionalmente relacionados e fazem parte de um processo contínuo.

As faixas etárias para cada período são idades médias nas quais as crianças geralmente demonstram as características de pensamento de cada período.

Algumas crianças claramente entram ou deixam esses períodos mais tarde em relação às idades médias. As crianças surdas terão em média um ano de atraso em relação às outras crianças normais. As crianças cegas acompanham as crianças normais com um atraso de cerca de quatro anos em média. As crianças com retardo mental severo podem estar até mais atrasadas no seu ritmo de desenvolvimento. Mas em todos os casos, todas as crianças (normais, surdas, cegas e retardadas) parecem atravessar os estágios piagetianos na mesma ordem.

As crianças não pulam estágios. Dentro de cada um desses grupos e entre todas as crianças, os ritmos de desenvolvimento ou os ritmos pelos quais atravessam os estágios variam consideravelmente.

Não se pode supor que somente o fator idade de uma criança nos diga o nível de desenvolvimento conceitual.

Os períodos de desenvolvimento esboçados por Piaget são irreversíveis no sentido de que uma criança tenha desenvolvido a capacidade para um tipo determinado de pensamento normalmente ela não perde aquela capacidade.

Como todos os professores e pais sabem, pelo fato de uma criança ter o nível de pensamento lógico ela não pensa ou age, necessariamente com lógica<sup>1</sup>. O comportamento de uma pessoa nem sempre reflete o seu melhor pensamento. O fato de uma pessoa ter desenvolvimento, pensando lógico não assegura que pensará logicamente durante todo o tempo ou que se comportará de acordo. Na realidade, deve-se distinguir claramente entre comportamento e pensamento. Eles não significam a mesma coisa.

---

1. Barry J. WADWORT. Piaget para professores da pré escola e 1º grau, p. 14.

## 1 - Períodos de Desenvolvimento

Os quatro períodos de desenvolvimento cognitivo esboçados por Piaget, podem assim ser resumidos:

O período sensório motor (0 a 2 anos), que é dividido em seis estágios (0 a 1 mês, 1 a 4 meses, 4 a 8 meses, 8 a 12 meses, 12 a 18 meses e 18 a 24 meses), apresenta como principal atividade reflexa para a representação e soluções sensório motoras dos problemas.

O período pré-operacional (2 a 7 anos) também é dividido em dois estágios. No estágio egocêntrico (2 a 4 anos) ocorre o desenvolvimento da linguagem, enquanto que no estágio intuitivo (5 a 7 anos) a criança realiza seus julgamentos baseados na percepção e não na lógica.

O período das operações concretas (7 a 11 anos) é a época em que a criança atinge a fase de reversibilidade, consegue solucionar operações lógicas, desenvolvidas e aplicadas a problemas concretos, porém não consegue solucionar problemas verbais complexos.

No período das operações formais (11 a 15 anos) a criança soluciona com lógica todos os tipos de problemas, pensa cientificamente, soluciona problemas verbais complexos; as estruturas cognitivas amadurecem.

Como o presente trabalho visa dar subsídios ao ensino da 1ª fase do 1º grau, deve-se evidenciar os períodos de desenvolvimento que correspondem a esta faixa etária. Por isso serão abordados agora os períodos Pré-operacional e Operacional concreto.

### 1.1 - Período Pré-Operacional

Durante a primeira metade do período pré-operacional, entre dois e quatro anos, ocorre o desenvolvimento extremamente rápido da linguagem falada. Por volta dos quatro anos de

---

idade a criança típica em qualquer cultura adquiriu a maior parte de sua língua nativa. Caracteristicamente a criança compreende e utiliza um grande número de palavras e usa eficazmente o corpo principal da gramática da língua. A aprendizagem sem instrução da linguagem falada nesses anos é um acontecimento espantoso no qual quase todas as crianças são bem sucedidas.

Do ponto de vista educacional é interessante que todas as crianças aprendam a sua língua materna sem qualquer instrução formal. Além do mais, se as crianças crescem em um lar bilingüe elas aprendem as duas línguas sem qualquer dificuldade aparente. Não se pode deixar de considerar o fato de que todas as crianças aprendem a falar tão facilmente ao passo que a leitura apresenta um problema para tantas crianças alguns anos depois.

Durante o período pré-operacional a criança representa internamente os objetos e acontecimentos e "pensa". No entanto, o seu pensamento é pré-lógico ou parcialmente lógico. O pensamento é dominado pela percepção. No problema clássico de conservação do número, mostra-se para a criança duas fileiras paralelas e igualmente longas de seis moedas, digamos. Depois de se chegar ao acordo de que cada fileira tem o mesmo número de moedas, alonga-se uma das fileiras (isto é, espalha-se os mesmos elementos). Depois da transformação pede-se novamente à criança que compare as duas fileiras de moedas. Tipicamente, até a idade de cinco ou seis anos, as crianças insistirão que a fileira mais longa tem mais moedas. As suas explicações sugerem claramente que a fileira considerada mais longa tem um número maior. Se esse experimento é repetido com uma fileira de nove moedas e uma segunda mais comprida de oito moedas, a criança na fase anterior à conservação afirma que a fileira mais longa de oito moedas tem um número maior. A criança pode ser capaz de dizer que nove moedas é maior do que oito se tirarmos o problema da visão, mas quando se retorna às duas fileiras de moedas, os julgamentos são feitos com base na percepção (qual fileira "parece ter mais") e não com base na lógica. Portanto, o pensamento da criança é pré-lógico.

Os problemas de conservação são provavelmente os itens piagetianos mais conhecidos e utilizados para examinar o

pensamento das crianças.

Outra característica do pensamento pré-operacional é a que Piaget chama de egocentrismo. A criança acredita que todas as pessoas pensam do mesmo modo que ela, que todas pensam as mesmas coisas que ela, e, logicamente, que tudo que pensa está "certo". Conseqüentemente, a criança na fase pré-operacional raramente questiona o seu pensamento e tem dificuldade em aceitar os pontos de vista de outras pessoas. Literalmente, ela não acredita que haja pontos de vista diferentes dos seus. O egocentrismo do pensamento na fase pré-operacional diminui lentamente quando a criança lida com os pensamentos de colegas que estão em conflito com o seu próprio pensamento.

## 1.2 - Período das Operações Concretas

Por volta dos sete anos de idade, a criança típica começa a desenvolver o que Piaget chama de pensamento operacional concreto. Não se consegue mais "enganar" a criança com problemas concretos como os de conservação, que envolvem um conflito entre lógica e percepção. A criança na fase de operações concretas soluciona a maior parte dos problemas de conservação. Quando a criança se confronta com problemas concretos, a lógica não está mais subordinada à percepção para o julgamento. Além dos problemas de conservação, a criança na fase operacional concreta domina os problemas de classificação e de seriação. Ela responde a todos os aspectos de transformações (como nos problemas de conservação). e percebe as correspondências entre os estados transformados. O pensamento da criança é reversível. Reversibilidade é a capacidade de fazer o pensamento regredir ou progredir no tempo, de reverter um pensamento. Ao contrário do que acontece com a maior parte da aprendizagem das crianças pequenas nenhum modelo ou exemplo de reversibilidade serve como guia para o pensamento. Os acontecimentos da vida não são reversíveis. Piaget diz que a reversibilidade do pensamento é o seu aspecto mais importante que separa a criança na fase operacional concreta daquela na fase pré-operacional. A reversibilidade é necessária para as soluções operacionais dos problemas e é um instrumento lógico que permite que a lógica suplante a percepção no pensamento

Geralmente a criança na fase das operações concretas consegue usar a lógica para chegar às soluções da maior parte dos problemas concretos?

Porém, ainda mais desenvolvimento está por ocorrer. A criança na fase operacional concreta tem dificuldade em aplicar a sua lógica aos problemas não concretos. Entre estes estão os problemas verbais complexos, problemas hipotéticos e problemas que lidam com o futuro (que são um tipo de problema hipotético). Portanto, o pensamento ainda está estreitamente ligado ao concreto e vinculado à percepção (porém dominado pela percepção). Por exemplo, enquanto a criança na fase operacional concreta consegue dar respostas logicamente "corretas" aos problemas de conservação, a qualidade de seu raciocínio está vinculada aos aspectos concretos da situação específica. Não há indícios de que a criança pense de acordo com regras formais mais abstratas independentes dos objetos concretos.

---

2. Barry J. WADWORT. Piaget para professores da pré escola e 1º grau, p. 21.

#### IV - NORMAS DIDÁTICAS GERAIS

##### 1 - Considerações Iniciais

A didática, por muito tempo, foi conceituada como a "arte de ensinar" . Exigia pouco do professor, desde que este tivesse o "jeitinho de ensinar".

E a didática, totalmente empírica, não exigia mais do que o "jeito de ensinar", além das noções das diferentes disciplinas a ensinar.

Pouco depois foi considerada "ciência e arte de ensinar" não se baseando somente no "jeito", mas procurando uma base científica em que se apoiar. Foi, aliás, um bom progresso , pois reconheceu-se que a eficiência do ensino depende de um embasamento científico.

A didática, em tempos mais recentes, passou, com muita justiça, a ser considerada como "o conjunto de processos destinados a dirigir a aprendizagem" - em última análise, o mesmo conceito anterior, apenas considerado do ponto de vista do educando. Não tanto ensinar será a tarefa do professor, mas, principalmente, dirigir a aprendizagem do educando.

A didática passa a ter uma visão diferente 30

---

processo da aprendizagem: percebe que este se realiza internamente, no educando, e que não se efetua por mero processo de transmissão do professor para o educando.

Logo, tornou-se cada vez maior o compromisso da didática com o educando, com o seu modo de aprender e com sua busca de estruturar-se à base de "um conjunto de processos para dirigir a aprendizagem".

Esta conceituação ainda hoje é válida, somente que vamos tentar dar à didática uma dimensão maior de compromisso com a própria educação.

Poder-se-ia dizer que a didática procura dirigir a aprendizagem do educando, porém, tendo em vista um sentido, uma direção, que são os objetivos da educação.

Essa conceituação inclui as demais, como arte, ciência e direção da aprendizagem mais a consciência do sentido das mesmas que é a obtenção de um tipo desejável de comportamento do educando.

Didática passa a ser, pois, ação consciente que o professor imprime à direção da aprendizagem do educando, para que este chegue a alcançar os objetivos da educação.

Assim, a didática passa a ter fortes compromissos com a realidade comunitária, e enfim, com os objetivos da educação relacionados ao homem individualmente e ao homem comprometido com o meio físico, social e cultural.

É fácil perceber que passa a haver certa identidade entre didática e educação. Dir-se-ia mesmo que a educação seria a postulação de objetivos desejáveis, e a didática, a maneira eficiente de encaminhar o educando para os mesmos.

A didática, pois, não pode ficar reduzida ao seu aspecto puramente técnico, uma vez que é, também, a parte final do funil pedagógico, conducente à ação educativa. Passa a ter fortes compromissos com o homem, a sociedade e a educação, surgindo a seguinte conceituação: didática é o conjunto de recursos técnicos que tem em mira dirigir a aprendizagem do educando, ob

jetivando levá-lo a atingir um estado de maturidade que o capacite a encontrar-se com a realidade de maneira consciente, equilibrada e eficiente, e nela agir como cidadão responsável.

## 2 - Normas Didáticas Gerais

A educação moderna tem de atender a algumas normas que devem presidir toda e qualquer metodologia, consubstanciada em métodos e técnicas de ação didática. Estas normas são como que o balizamento da ação educativa para que os objetivos da educação possam ser alcançados com eficiência.

As sugestões que seguem não são próprias de determinado método ou técnica de ensino, mas devem presidir a todos eles, desde que encaradas como normas que envolvam e orientem a estruturação e aplicação de quaisquer procedimentos educativos.

### 2.1 - Boas relações entre professor e educando

Esta é a condição básica para toda e qualquer ação educativa.

Sem reciprocidade de simpatia e de respeito entre professor e educando, é praticamente impossível qualquer trabalho construtivo na alma do educando.

A condição básica do processo educativo é o respeito à personalidade do educando, que deve ser tratado como pessoa, e não como número.

Os trabalhos escolares devem transcorrer em harmonia entre professor e educando, no sentido de trabalho em comum de compreensão, simpatia e entusiasmo. O papel do professor nessa tarefa é decisivo, pois depende dele, da sua liderança e compenetração, o bom ou mau andamento dos trabalhos escolares.

Quantos educandos perdidos, quantos destinos des

---

viados devido ao inadequado comportamento didático do professor! Muitos professores gostariam que o educando, desde o início de um curso apresentasse um tipo de comportamento que requer integração, acomodação e aprendizado, só possível na etapa final dos estudos. Certos tipos de comportamento são meta de chegada, não de partida.

a) Função técnica do professor

A função técnica do professor consiste em ter ele um lastro de conhecimentos, de cultura, que lhe permita atender adequadamente às exigências de formação intelectual do educando.

1) Conhecimento da sua disciplina - É a exigência elementar que o professor seja um bom conhecedor da disciplina ou das disciplinas que pretende lecionar. Conhecimento funcional ou operante, adequado, na medida do possível, às exigências da vida contemporânea. É indispensável um bom conhecimento da metodologia específica da ou das disciplinas lecionadas, a fim de possibilitar a orientação dos educandos para a pesquisa. O conhecimento meramente superficial de uma disciplina fará com que o professor encaminhe os educandos a se tornarem meros repetidores das suas palavras ou do compêndio adotado... É preciso ressaltar neste particular, que nas primeiras séries ginasiais melhor seria que os professores fossem polivalentes, isto é, capazes de lecionar um conjunto de disciplinas afins. O especialista, que só cuida de determinada disciplina, não é recomendável nessa etapa da vida escolar. A polivalência disciplinar nas primeiras séries ajudaria o trabalho de coordenação de disciplinas e a adaptação, na escola média, do egresso da escola primária.

2) Cultura Geral

É indispensável que o professor seja portador de uma razoável cultura geral, isto em todos os níveis de ensino. A

cultura geral do professor ajudaria a dar ao educando uma visão unitária do mundo e dos conhecimentos. Todo professor deve estar em condições de oferecer uma compreensão adequada de todos os conhecimentos que a toda hora são despejados sobre os educandos em condições de auxiliar na integração do educando na vida e na problemática do fim do século que estamos vivendo. A cultura geral, no entanto, tem de ser pensada em termos de hoje, de núcleo de conhecimentos que ajudem a compreender os acontecimentos do momento que passa. E o professor deve estar preparado para dar sentido, por exemplo, ao que seja Biônica, Cibernética, Inflação, Ciência Espacial, existencialismo, estruturalismo, materialismo, Medicina Psicossomática, Socialismo, Capitalismo, Comunismo, Anarquismo, Planejamento, Direitos dos homens, lavagem de cérebro, automação, transplantes, terceiro mundo, poder jovem, contestação, Psicanálise, comunicação etc. Estes e outros setores do conhecimento estarão populando na mente dos educandos à espera de orientação...

#### b) Função Orientadora do Professor

Não se pode mais pensar no professor isolado em sua disciplina, desligado das demais disciplinas, do mundo, da sociedade e principalmente de seus alunos

A complexibilidade da vida social, o número crescente de problemas continuamente propostos aos educandos e as situações conflitivas que estes têm de enfrentar exigem do professor, além da sua função técnica de conhecedor de uma ou mais disciplinas, a função de orientador, de guia disposto a ouvir, observar e sentir os seus alunos, a fim de melhor orientá-los.

Nenhum serviço de Orientação educativa alcançará os seus objetivos se não contar com a cooperação do corpo docente. Os professores, de certo modo, deverão funcionar também como orientadores educativos...

Não esquecer, neste particular, que se exige um trabalho de orientação do professor porque:

de aula em uma comunidade;

b) vitalizando o ensino através de uma atualização de conteúdo relacionado, sempre que possível, com a realidade de do meio;

c) vitalizando o ensino, também por meio de mé todos ativos que levassem o educando a elaborar por si os conhe cimentos, ao invés de recebê-los já prontos;

d) propondo dificuldades adequadas a cada um;

e) assistindo cada um em suas dificuldades específicas;

f) reconhecendo e estimulando esforços;

g) propiciando a participação discente em todas as atividades escolares;

h) dando mais atenção aos seus aspectos positi vos do que aos negativos;

i) respeitando a personalidade de cada um e auxiliando a marchar para o seu próprio destino, em função de suas possibilidades pessoais e necessidades sociais;

j) crendo nele como ser humano e como promessa;

l) educando-o

A formação do professor deve tornar o futuro mestre consciente da verdade de que ele precisa estabelecer boas re lações com seus alunos, conhecê-los e compreendê-los.

A estima e respeito devem ser recíprocos pois são fundamentais para que a ação didática do mestre influencie o discípulo , e favorece a aproximação de ambos, o que favorece uma maior eficiência e assistência ao educando.

---

#### d) Função não diretiva do professor

A função não diretiva poderia ser incluída na função orientadora, mas ela se afigura tão importante que merece um destaque especial.

A função não diretiva consiste em ver o educando como sujeito e não como objeto do ensino. Consiste em crer nas possibilidades do aluno e na convicção de que respeitando-lhe a liberdade ele se desenvolve mais plenamente. O professor, assim, tem de favorecer, na escola, um clima de liberdade e segurança que permita ao educando ser sujeito do seu próprio ensino e expressar-se espontaneamente.

O professor tem de comportar-se junto ao aluno de maneira compreensiva, amigável e franca, a fim de permitir-lhe que desenvolva livremente a sua personalidade e tome consciência de si mesmo e do mundo exterior, sem deformações repressivas, a fim de levá-lo a assumir, por escolha própria, a forma de comportamento e tomar decisões que mais lhe convenham.

Assim, a função não diretiva tem de manifestar-se no professor, por uma atitude permissiva junto ao educando, para que este busque a sua própria direção, o que lhe propiciará melhor desenvolvimento da personalidade, maiores oportunidades de comunicação autêntica, realizações mais significativas e de maior satisfação pessoal.

Logo, o professor deve, imbuído de sua função não diretiva, junto ao educando:

- a) Estimular a agir livremente, a fim de torná-lo independente;
  - b) estimular o diálogo que conduza à reflexão, para que ele, por si, assuma uma posição diante da vida;
  - c) ajudá-lo a descobrir-se, a melhor conhecer-se e a explicitar as suas virtualidades;
  - d) estar sempre à sua disposição, e quando soli
-

citado, funcionar como assessor, e não como normativo;

e) fazer com que, em todas as circunstâncias, ele exerça a autodireção;

f) correr o risco de deixá-lo dirigir o seu crescimento com a possibilidade, é claro, de insucessos, sendo que estes devem ser encarados não como desastres, mas como ocorrências naturais da vida;

g) sugerir ou facilitar situações, as mais variadas, que exijam autodireção e opções, a fim de favorecer o desenvolvimento da sua personalidade.

## 2.2 - Entrosamento entre professores e disciplinas

O entrosamento, na escola, é uma necessidade indispensável, se se quiser realmente, educar.

O entrosamento pode ser focado quanto aos professores e quanto às disciplinas.

### a) Entrosamento dos professores

O entrosamento dos professores se faz necessário para melhor assistência, mais eficiente formação do educando, e para que a ação didática da escola se torne mais racional.

Os professores, se quiserem transformar suas classes de aglomerados em grupos de estudantes, têm de trabalhar coordenadamente, entendendo-se e articulando seus esforços e propósitos.

Os professores devem entender-se quanto aos objetivos visados, quanto à exigência e quanto aos direitos dos educandos para que sua ação didática seja realmente construtiva e

eficiente.

O entrosamento dos professores se impõe, também, para o adequado acompanhamento dos educandos nos seus estudos e no seu comportamento geral. Os professores precisam reunir-se periodicamente para acertarem seus trabalhos, suas exigências e suas apreciações sobre a educação de seus alunos.

#### b) Entrosamento das disciplinas

O entrosamento das disciplinas também se faz necessário para melhor orientar a aprendizagem do educando.

A intenção do entrosamento disciplinar é evitar o excessivo fracionamento dos conhecimentos, a fim de ajudar o educando a ter uma visão mais unitária dos mesmos, e, conseqüentemente, levar a efeito uma aprendizagem mais rica e significativa.

Assim, as disciplinas não agiriam independentes umas das outras, mas se aproximariam, trabalhariam em conjunto, para tornar mais significativa a experiência pedagógica do educando.

As disciplinas se auxiliariam mutuamente no desenvolvimento de seus programas, evitando repetições inúteis, reforçando conhecimentos, esclarecendo situações e unificando fenômenos.

Os programas e atividades escolares poderiam ser mais coordenados e conseqüentes, mais ajustados e exeqüíveis, e mais consciêntes de suas finalidades. Deveriam convergir ao mesmo tempo para os objetivos específicos do curso e os objetivos gerais da educação.

### 2.3 - Participação

A participação de certo modo, é uma continuação,

uma explicitação do item que tratou das boas relações entre professor e educando.

O professor, na elaboração do seu programa e do seu plano de curso, poderia reservar uma unidade ou mais que seriam preenchidas por temas sugeridos pelos próprios educandos, logo depois do início do ano letivo. Certos temas sugeridos poderiam prestar-se para trabalhos de pesquisa, alguns mesmos com a participação do professor.

A participação do educando poderia ser levada a todas as atividades escolares, mesmo na elaboração e execução de programas. A participação é mais uma forma de provocar vivências que tanto motivam e estimulam a trabalhar responsávelmente e com entusiasmo, além de provocar o desenvolvimento da personalidade através da colaboração em todas as atividades da vida escolar, desde as aulas teóricas e práticas educativas até as atividades extraclasse.

#### 2.4 - Atividades livres e criadoras

O processo educativo deve proporcionar horas para atividades livres e criadoras ao educando, o que lhe favorecerá a plena expressão e desenvolvimento de seu espírito criativo.

As horas livres incluídas na programação de todas as disciplinas visam estimular a criatividade. O impulso criador do educando passa, assim, a ser incentivado, o que favorece também o desenvolvimento de seu espírito criativo e de sua personalidade.

Bom número de atividades escolares deveria ter o caráter de "livre escolha" por parte do educando, o que, além do desenvolvimento do espírito criador e da personalidade, ajudaria a aclarar bastante o complexo problema da determinação vocacional.

O professor, além das "horas livres" que deve conceder ao educando, precisa estimulá-lo a observar, apreciar, criticar e emitir opiniões, visando tirá-lo da passividade e li

---

berar-lhe as forças criadoras.

É preciso, na escola, formar o ambiente em que o educando se sinta com coragem de dizer e de fazer..., sem aquele medo doentio de errar...

#### 2.5 - Trabalho em grupo

Este tipo de atividade é necessário e indispensável para a socialização do educando, uma vez que, praticamente, toda a sua vida deverá transcorrer em contato e em cooperação com os seus semelhantes.

O individualismo em todas as sociedades e em qualquer regime político tende a ser desprezado em favor de uma crescente sociabilização.

Assim sendo, a escola tem o dever de propiciar atividades que favoreçam o processo de sociabilização. As atividades em grupo estimulam o desenvolvimento do espírito de cooperação e as atitudes de solidariedade, ambos tão necessários para a vida comunitária. Os estudos em grupo, as atividades extra-classe e a própria organização da escola, em forma de comunidade são excelentes amostras de atividades em grupo.

É preciso ressaltar a importância dos trabalhos em grupo para o desenvolvimento do senso de responsabilidade, uma vez que o educando terá de atuar juntamente com outros colegas. Seus atos e sua participação, serão por eles julgados; será passível de crítica e terá que se justificar.

#### 2.6 - Individualização

A individualização no ensino é algo que se impõe como imprescindível se realmente se almeja educar.

A individualização consiste em notar o educando

na sua individualidade, personalidade, maneira de ser, aptidões, aspirações e também nas suas deficiências.

Individualização não quer dizer educação indiv dualista que só ajudaria a formar "monstrinhos" de egoísmo.

A individualização deve ser a preocupação constan te do professor e da orientação educativa. É imprescindível ver o educando na sua problemática pessoal, para mais eficientemente as sistí-lo e orientá-lo na formação da sua personalidade.

#### 2.7 - Progressividade e adequação

Para uma eficiente ação didática, é preciso que as atividades escolares sejam devidamente planejadas, tendo em vista um trabalho progressivo e adequado, que leve o educando ao sucesso fazendo-o sentir que está crescendo, que está progredin do.

Partir do que seja sentido e compreendido e mar char para o desconhecido, de forma progressiva e adequada às pos sibilidades do educando; ir do simples ao complexo, de forma adaptada à maturidade e capacidade do educando, parecem ser duas sugestões didáticas que não podem ser esquecidas pelo professor.

Muito esforço escolar se perde porque os traba lhos docentes não atentam para a necessidade de opor dificuldades progressivas e adequadas ao educando, segundo suas reais possibi lidades. O estudo torna-se, então, algo desagradável e contínua mente frustrativo.

#### 2.8 - Entusiasmo e otimismo

Todas as atividades escolares devem ser acompanha das de entusiasmo e otimismo.

Não se compreende a ação didática que se desenvol

va em ambiente de ressentimento ou pessimismo.

E que dizer daquela atitude docente, tão em voga, de apontar falhas com ou sem razão, de atacar "as estruturas", para evidenciar aos educandos que tudo está errado e que tudo precisa ser radicalmente mudado?...

Entusiasmo e otimismo, isto sim, é de que o educando precisa. Estes dois elementos funcionam como forças motivadoras do esforço e disposição necessários para que se efetive uma satisfatória aprendizagem.

O educando precisa tomar consciência das deficiências educacionais e sociais, mas de maneira positiva, para que tenha ânimo e queira contribuir no esforço para sua superação.

Estimular-se-á para a superação de deficiências em sentido de continuidade e aperfeiçoamento do estado social vigente, sem ódios ou rancores que envenenem a alma do educando.

A situação do educando já é, naturalmente, de certa insegurança, e é crime pedagógico aumentá-la ou envenená-la de permeio aos trabalhos de classe...

Através dos procedimentos didáticos, é dever da educação não traumatizar o educando com falsos processos de conscientização, mas torná-lo conciente de todas as realidades, sejam quais forem de forma positiva, construtiva, instilando otimismo e crença de que as dificuldades poderão ser superadas através de um esforço de melhoria, principalmente do próprio homem...

Todas as atividades escolares devem transcorrer em ambiente de entusiasmo e otimismo. Entusiasmo, para funcionar como força propulsora para quem se inicia em processo educativo, que por melhor que seja, sempre é uma jornada a ser vencida e que requer dedicação e esforço. Otimismo, para funcionar como força que estabelece metas de esperança no homem e na sua ação e que levará, fatalmente, para um mundo melhor.

mas de segurança do passageiro, nos meios de transporte , nas estações e pontos de embarque e desembarque; principalmente porque a criança já é usuária dos meios de transporte coletivo.

Com estes conhecimentos espera-se que a criança seja capaz de identificar a necessidade do uso adequado e seguro dos meios de transporte, bem como as formas corretas de comportamento no Trânsito.

A sinalização urbana e rodoviária, também é assunto que deve ser tratado, porém, neste momento, iremos classificar as placas quanto à sua finalidade: de regulamentação , de advertência, de indicação, educativas e de serviços auxiliares.

Para o desenvolvimento deste conteúdo, o professor deverá, de início, levar um mostruário dos diversos tipos de placas para análise e estudo. Um recurso auxiliar que pode ser empregado, com eficiência, para este fim, é o "album seriado".

Outra atividade que pode ser empregada, é o trabalho em equipe para listagem e classificação das placas existentes nas proximidades da escola.

Ainda na 3ª série, podemos encomendar aos alunos uma pesquisa sobre os órgãos responsáveis pelo Trânsito e suas funções, para que eles conheçam os órgãos responsáveis pelo Trânsito.

#### 4 - 4ª Série

A criança, quando chega à 4ª série, já deve ter alguns hábitos e atitudes incorporados em seu dia a dia. É o momento de reforçá-los e criar condições para que esta criança seja uma pessoa consciente em nosso Trânsito.

A segurança no Trânsito para pedestres, ciclistas e passageiros, é tema que deve ser levado aos alunos procurando mostrar-lhes os fatores que proporcionam ou afetam a segurança de Trânsito.

## V - METODOLOGIA DO ENSINO

### 1 - Considerações Iniciais

Vistos os objetivos que parecem atender às exigências da educação hodierna e apresentadas as normas gerais de ação didática virão, a seguir, aquelas normas de caráter mais específico e estruturado que constituirão a metodologia didática.

Através das normas de ação e da metodologia do ensino é que se perseguirão os objetivos da educação.

A palavra método vem do latim, methodus que, por sua vez, tem origem no grego, das palavras meta (meta = meta) e hodos (hodos = caminho). Logo, método quer dizer caminho para se chegar a determinado lugar.

Didaticamente, método quer dizer caminho para se chegar a um fim.

A palavra técnica é a substantivação do adjetivo cuja origem, por intermédio do grego, está na palavra technice, e por via do latim, na palavra technicus, que quer dizer relativo à arte ou conjunto de processos de uma arte ou de uma fabricação. Simplificando, técnica quer dizer como fazer algo.

---

Assim, método indica o caminho e técnica mostra como percorrê-lo.

Método e técnica representam a maneira de conduzir o pensamento e as ações para se atingir meta preestabelecida. Representam, mais, a disciplinação do pensamento e das ações para se obter maior eficiência no que se deseje realizar, pois pensar ou agir sem determinada ordem, quase sempre, resulta em perda de tempo, de esforços, quando não também de material...

A educação, o processo educativo, se quiser, chegar a bom termo quanto aos seus objetivos, tem de agir metódicamente, isto é, metodologicamente...

Metodologia do ensino, pois, nada mais é do que o conjunto de procedimentos didáticos, expressos pelos métodos e técnicas de ensino, que visam levar a bom termo a ação didática, que é alcançar os objetivos do ensino e, conseqüentemente, os da educação, com o mínimo de esforço e o máximo de rendimento.

A metodologia do ensino deve ser encarada como um meio e não como um fim, pelo que deve haver, por parte do professor, disposição para alterá-la, sempre que sua crítica sobre a mesma o sugerir. Assim, não se deve ficar escravizado à mesma, como se fosse algo sagrado, definitivo, imutável.

A metodologia do ensino, de modo geral, deve conduzir o educando à auto-educação, à autonomia, à emancipação intelectual isto é, deve levá-lo a andar com suas próprias pernas e a pensar com sua própria cabeça.

A metodologia didática tem por objetivo dirigir a aprendizagem do educando para que este incorpore em seu comportamento aquelas normas, atitudes e valores que o tornem um autêntico cidadão participante e voltado para o crescente respeito ao próprio homem.

O educando, apesar de toda a liberdade que deve gozar para a sua plena realização, terá de ser orientado para aquelas metas consideradas válidas para ele e a sociedade.

A liberdade pela liberdade e a liberdade pelos movimentos desordenados e caprichosos ou inconseqüentes não produzem a nada, quando não são prejudiciais ao indivíduo e à sociedade.

A liberdade anárquica não tem sentido em educação uma vez que esta preconiza uma forma de comportamento, fruto de reflexão sobre realidade humana e social, dentro de uma circunstância histórica, visando ao que mais convém para melhor realização do homem e desenvolvimento social mais eficiente.

Assim, a educação, através de suas normas gerais de ação e de sua metodologia didática, procura levar o educando a assimilar aquele comportamento tido como o mais conseqüente para ele e a sociedade.

## 2 - Métodos e Técnicas de Ensino

A metodologia didática procura apresentar estruturas de passos de atividades didáticas que orientem adequadamente a aprendizagem do educando.

A metodologia didática, segundo as circunstâncias e o nível de maturidade do educando, pode apresentar estruturas preponderantemente lógicas ou psicológicas.

Não se fará diferenciação substancial entre método e técnica, que pode ser utilizada pela metodologia didática: " método é um procedimento geral, baseado em princípios lógicos, que pode ser comum a várias ciências; técnica é um meio específico usado em determinada ciência ou em um aspecto particular desta. Exemplo: o método dedutivo é usado tanto na Lógica como na Matemática ou na Física Teórica, ao passo que as técnicas de observação, usadas na Psicologia Social são próprias desta disciplina " .

## 2.1 - Método Didático

É o conjunto de procedimentos escolares lógicos e psicológicamente estruturados de que se vale o professor para orientar a aprendizagem do educando, a fim de que este elabore conhecimentos, adquira técnicas ou assuma atitudes e idéias.

Diz-se que o método deve ser logicamente estruturado porque precisa apresentar justificativas para os seus passos, a fim de que não se baseie em aspectos secundários ou mesmo caprichosos de quem deva dirigir a aprendizagem dos alunos.

Diz-se também que o método deve ser psicológicamente estruturado porque precisa atender a peculiaridades comportamentais e possibilidades de aprendizagem dos alunos a que se destina, se crianças, adolescentes ou adultos, ou, ainda, se deficientes, normais ou bem dotados intelectualmente.

## 2.2 - Técnicas Didáticas

É também o procedimento escolar lógico e psicológicamente estruturado destinado a dirigir aprendizagem do educando, porém em um setor limitado da fase de estudo de um tema, como na apresentação, elaboração, síntese ou crítica do referido tema

Em outras palavras, técnica didática é o recurso particular de que se vale o professor para a efetivação dos propósitos do método.

Assim, um método, em seu desenvolvimento, pode lançar mão de uma série de técnicas para a efetivação dos objetivos que o mesmo tem em mira.

Pelo visto, método de ensino, é mais amplo de que técnica de ensino. A técnica é mais adstrita à orientação da aprendizagem em setores específicos, ao passo que método de ensino indica aspectos mais gerais de ação didática.

Um método de ensino, para alcançar os seus objetivos, precisa lançar mão de uma ou mais técnicas. Pode-se mesmo dizer que o método de ensino se efetiva por meio das técnicas.

É preciso esclarecer, no entanto, que quase todos os métodos de ensino podem assumir o papel de técnica, ao mesmo tempo que quase todas as técnicas de ensino podem assumir o papel de método, dependendo da amplitude que assumem, ao ser orientada a aprendizagem do educando. Se a exposição é aplicada para a aprendizagem do educando. Se a exposição é aplicada para o estudo de um tema ou unidade, pode-se dizer que foi utilizada a técnica expositiva. O mesmo se pode dizer do interrogatório, mas se o mesmo for aplicado apenas em alguns momentos de uma aula expositiva, pode-se dizer que foi empregada a técnica do interrogatório.

Agora, todo método ou técnica de ensino fundamentalmente deve efetivar-se por meio da atividade do educando, fazendo com que este, de modo geral, seja agente da sua própria aprendizagem, e não um simples receptor de dados e de normas elaborados por outrem.

Assim, métodos e técnicas de ensino devem conduzir o educando a observar, criticar, pesquisar, julgar, concluir, corrigir, diferenciar, sintetizar, conceituar, refletir.

### 3 - Fases de um Método de Ensino

Todo método de ensino tem de acompanhar o esquema de desenvolvimento de um ciclo docente, que fundamentalmente consta de três partes: planejamento, execução e avaliação.

Assim, podem ser consideradas três as partes de qualquer método.

a) Fase do planejamento - É a fase em que se estabelece o conteúdo a ser estudado e são precisados detalhes de desenvolvimento da ação didática. Esta fase, de modo geral, fica mais adstrita ao professor, mas pode também ser efetuada por professor e educandos, bem como, conforme o método, por educandos.

b) Fase da execução - Esta fase compreende quatro subfases, quais sejam: subfase da motivação e apresentação, subfase de realização, subfase da elaboração e subfase das conclusões.

- Subfase da motivação e apresentação, em que a classe por um processo de motivação, é predisposta para os trabalhos a serem desenvolvidos, bem como, em linhas gerais, é apresentado o conteúdo ou o sujeito do estudo a ser efetuado;

- Subfase da realização, em que se processa o estudo propriamente dito, com base no método que tenha sido escolhido;

- Subfase da elaboração, em que, após o estudo sistemático do assunto em foco, são realizados trabalhos que visem à fixação e integração da aprendizagem, através de discussões, exercícios, aplicações, etc. ;

- Subfase das conclusões, em que, terminada a fase anterior, a classe é conduzida a tirar conclusões a respeito dos trabalhos realizados, ou melhor, do conteúdo estudado.

c) Fase de avaliação - Esta é a última fase do método e consta de provas de avaliação ou de outros quaisquer recursos que permitam ao professor uma avaliação a respeito do estudo ou na metodologia, retificação da aprendizagem ou recuperação de educandos.

#### 4 - Recomendações Metodológicas

A metodologia didática, para estar de acordo com os objetivos da educação e das normas de ação didática, deve procurar atender algumas recomendações que serão, a seguir, apresentadas:

1 - fazer com que o educando participe ativamente nos trabalhos;

2 - orientar os estudos, de maneira que o educan

do pesquise e elabore os conhecimentos;

3 - dar um sentido de motivação à apresentação da matéria;

4 - realizar trabalho de elaboração da matéria apresentada. Muitas atividades escolares se perdem porque terminam com a apresentação da matéria, passando-se a outro tema ou unidade, sem que a anterior tenha sofrido adequada elaboração;

5 - levar o educando a refletir em todas as fases da aprendizagem;

6 - sempre que possível, orientar o educando para a observação, a coleta de dados e a pesquisa;

7 - propiciar, sempre que possível, trabalhos em grupo. Não esquecer de promover discussões, quer os estudos se processem individualmente ou em grupo, uma vez que estas são excelente processo da interação da classe;

8 - realizar, no final do estudo de um tema ou de uma unidade, adequada verificação de aprendizagem. Quanto a esta é bom lembrar que deveria ser uma atitude constante do professor preocupar-se com a verificação da aprendizagem. Aliás, o professor deveria desenvolver uma ação didática obediente ao seguinte trinômio, simultaneamente: ensinar, verificar e retificar;

9 - fazer com que estejam presentes a apresentação, a elaboração, a verificação e a apreciação, acompanhando a marcha da aprendizagem que é:

- a) síntese (apresentação)
- b) análise (elaboração)
- c) síntese (integração)
- d) crítica (apreciação)

10 - sempre que possível, levar o aluno a elaborar o conhecimento, por meio do seu empenho, direto diante de uma situação problemática adequadamente motivada, para que observe, tente experimentar, compare, selecione, discrimine, caracterize, identifique, selecione e conclua.

## VI - PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO

O presente trabalho é voltado para o professor , elemento responsável, no âmbito da escola, pela formação da criança, pedestre ou passageiro de hoje, motorista de amanhã. Porém, é dedicado a esta mesma criança que, bem formada, será o alicerce de um trânsito humano e organizado no futuro.

Com este intuito oferecemos aos educadores uma ' sugestão de Programa de Educação para o Trânsito, destinado às quatro primeiras séries do 1º grau. Esta sugestão obedece a um critério pedagógico, que procura acompanhar, de forma adequada, os diversos períodos de desenvolvimento da criança, oferecendo uma variada gama de atividades e recursos metodológicos.

Podemos citar como objetivos gerais deste programa:

- Proporcionar às crianças condições de conhecer as normas de segurança de trânsito; integrá-los às diversas situações de trânsito e, por fim, levar a criança a recomendar a importância do ato individual na segurança global do trânsito.

### 1 - 1ª Série:

Na 1ª série do 1º grau o conteúdo que se pode administrar é sobre as normas de circulação interna na escola

lugar onde o aluno tem muito conhecimento. Também pode-se falar sobre as normas de trânsito na área da escola e transmitir alguns conceitos do que vem a ser Trânsito

Com este conteúdo espera-se que o aluno seja capaz de descrever o trânsito dentro e fora da Escola, comparar o trânsito da Escola com o da área escolar e explicar, através de desenho ou expressão oral, o significado de trânsito.

Como sugestão de atividades que poderão ser utilizadas para o desenvolvimento do conteúdo, podemos, citar:

- Observação dirigida do movimento de pessoas nas dependências da Escola. Com esta observação, deve-se levar a criança a analisar a influência do espaço e direção na circulação interna da Escola e com isto, identificar regras de circulação como fatores importantes na ordem e segurança da Escola.

- Excursão para observação dirigida do movimento de veículos e pedestres na área escolar. Com esta atividade levamos os alunos a observarem o movimento de veículos e pedestres na área escolar, identificando as condutas mais seguras de pedestres e motoristas.

- Conversa dirigida sobre a circulação dentro e fora da escola. Objetivo desta conversa é de comparar a organização do Trânsito, explicando o seu significado.

Para o desenvolvimento destas atividades, deve-se usar como recursos materiais os próprios sinais de Trânsito existentes na área escolar.

Outro assunto que deve ser abordado, é sobre a "sinalização de Trânsito", que precisa conter em seu conteúdo programático informações sobre: sinal luminoso para pedestre, sinal luminoso para motorista, faixa de segurança, gestos e apitos do policial de Trânsito e demais sinalizações observadas na área escolar.

Com estas informações o aluno, ao final da instrução, deverá ser capaz de identificar a sinalização de Trânsito como fator de segurança.

Como metodologia, podemos sugerir ao professor o desenvolvimento das seguintes atividades:

- Aula expositiva sobre sinalização de Trânsito. Nesta atividade o professor poderá usar como recurso material o álbum seriado.

- Observação dirigida da atuação do policial de Trânsito, procurando estabelecer a relação entre os gestos do policial de Trânsito e as respectivas mensagens.

- A segurança do pedestre é outro item de grande importância. O aluno deve ser conscientizado das situações em que os procedimentos do pedestres garantam sua segurança e colaboração com a disciplina do Trânsito. Para isto o professor poderá se valer de conversa dirigida sobre "calçada e acostamento", introduzindo noção sobre lugares mais seguros para o Trânsito de pedestre.

## 2 - 2ª Série

Nesta fase a criança está com 8 ou 9 anos, muitas vezes já vem sozinha para a escola, toma ônibus, anda de bicicleta, atravessa ruas e até rodovias. Todos estes atos exigem, não só automatismo, mas, sobretudo, responsabilidade.

Para isto, podemos sugerir como programa a ser ministrado: a evolução, organização e normas de circulação do Trânsito, onde esperamos como objetivos, que os alunos sejam capazes de comparar a evolução do Trânsito com a evolução dos meios de transporte e citar situações que evidenciam a necessidade de organização do Trânsito.

Atividades que poderão ser utilizadas para o desenvolvimento do conteúdo:

- Pesquisa sobre a evolução dos meios de transporte e do Trânsito na localidade. Com esta pesquisa os alunos devem ser orientados sobre os aspectos a serem abordados, à fim

de analisarem as consequências da evolução dos meios de transporte no Trânsito e identificarem os diversos tipos de transporte , na localidade (cidade ou bairro).

Após a realização desta pesquisa, o professor de verá promover uma conversa dirigida, procurando evidenciar as necessidades de organização do Trânsito e das normas de circulação para o convívio harmonioso entre veículos e pedestres.

- Buscando-se a fixação deste conteúdo, podemos' conduzir os alunos a um trabalho em grupo, para a elaboração de normas de circulação na área escolar, disciplinando a movimentação dos demais alunos.

Outro conteúdo que pode ser ministrado nesta série, é sobre "sinalização de Trânsito" . Neste momento, deverão' ser abordados os seguintes aspectos: a importância da sinalização, a linguagem das placas , ou seja, as mensagens nelas contidas, a classificação das placas, sinalizações luminosas e outros tipos de sinalização (gestos e apitos).

Sugestões de atividade:

- Conduzir os alunos às proximidades da própria' escola, buscando observar a sinalização de Trânsito ali existentes, bem como a identificação dos locais de maior segurança para o pedestre na área escolar.

- Aula expositiva introduzindo noções de ' cruzamento e a importância da sinalização de Trânsito neste local.

3 - 3ª Série

Crescendo em idade, a criança amplia também o espaço físico em que se locomove.

Nesta fase já pode, com maior facilidade, compreender como é importante sua participação na segurança de Trânsito. Diante disto e de sua capacidade de compreensão, cada vez mais desenvolvida, já pode lhe ser ministrado aulas sobre as nor

A criança, neste período de desenvolvimento, deve ser consciente das "normas de conduta", à fim de trafegar sem riscos.

Estas normas de conduta do pedestre, ciclista e passageiro, são trazidas, num primeiro momento, pelo professor, através de uma conversa dirigida.

O aluno também deve ter conhecimento dos deveres e proibições do pedestre, definidos pelos artigos 86 e 93 do Código Nacional de Trânsito. Para isto o professor deverá fazer uma leitura informativa dos referidos artigos.

Uma atividade que podemos desenvolver, buscando alcançar os objetivos deste conteúdo, é uma excursão com os alunos para observar o comportamento dos pedestres nas ruas. Ao final deve-se pedir que os alunos façam um relatório e analisem as atitudes observadas.

A realização de uma aula prática, para a demonstração do uso correto da bicicleta, observando-se as "normas de conduta", também se constitui uma atividade produtiva e, no assunto em questão, esta produtividade poderá salvar a vida de uma criança.

## CONCLUSÃO

A educação não pode ser entendida como ponto final, mas como ponto de partida. Ponto de partida para a conscientização de um povo, para a harmonia da convivência e para a "ordenação do Trânsito".

Por isso, a tarefa do educador é tão difícil, complicada e complexa, e não é diferente para o educador do Trânsito.

Este trabalho mostrou um pouco da complexidade da atividade docente, principalmente quando os alunos são crianças.

Podemos tirar algumas conclusões importantes a partir dele, como por exemplo, que a aprendizagem é a aquisição de uma habilidade ou de uma informação específica, baseadas em estruturas intelectuais existentes, porém, de acordo com a idade da criança e, conseqüentemente, o período de desenvolvimento em que apresentam um maior ou menor nível de maturação.

O desenvolvimento intelectual consiste em levar a criança a ter contato com a civilização contemporânea, aprendendo os limites que o meio coloca para ela. Diante disto, a tarefa, como professor é criar para a criança um ambiente próximo do real, para que ela possa verificar o que queremos que ela compreenda.

---

Assim, são, por exemplo, os símbolos de Trânsito, que envolvem aprendizagem por compreensão. Como as crianças na 1ª fase do 1º grau, só aprendem mediante concreto, elas devem ser levadas a vivenciar, treinar e agir para depois compreender e saber usar.

Finalmente podemos concluir que estas informações, tanto pedagógicas quanto metodológicas, são indispensáveis' para a determinação da postura pedagógica do professor, bem como para a escolha dos melhores e mais adequados procedimentos didáticos.

## BIBLIOGRAFIA

DECRETO Nº 62.127 de 16 de janeiro de 1968. Regulamento do Código Nacional de Trânsito, art 229.

DNER, Curso de atualização de professores em educação para o Trânsito. Rio de Janeiro. v. 1, 1983, 12-24 pp.

EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO, Manual do Professor, 1ª fase do 1º grau 2ª ed. Belo Horizonte, Editora Littera Maciel, 1982, 18-50 pp.

EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO, Subsídios para 1ª à 4ª série do 1º grau, 1ª edição.

GORMAM, Richard M. Descobrimo Piaget: um guia para professores ; tradução de Maria Lúcia Freire. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1976, 4-9 pp.

LEI Nº 5.108, de 21 de setembro de 1966. Código Nacional de Trânsito, art. 125.

LEI Nº 5.962, de 11 de agosto de 1971. Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, art. 1º.

WADWORT, Barry J Piaget para professores da pré-escola e 1º grau; tradução de Marília Zanella Sanvicente. São Paulo, Editora Pioneira, 1984, 13-24 pp.